

PREFÁCIO

Quando pensamos em rejuvenescer, como eu penso, geralmente só observamos nosso estado físico. Nunca lembramos que o corpo também é o resultado materializado de todas as neuroses, de todos os preconceitos e desejos não realizados, acumulados num dia-a-dia cruel que, impreterivelmente, procura nos carregar para baixo antes do tempo. Aos poucos, mas não tão devagar como parece, fui substituindo hábitos antigos, um após o outro, por um novo estilo de vida, bem mais condizente com meus verdadeiros pensamentos e sentimentos. Estar de bem com o espírito, mesmo que cheios de dúvidas, nos faz voltar a pisar em terrenos até então esquecidos ou nunca pisados. No meu caso, o “pensar diferente” não só transformou meu corpo para melhor, como também trouxe de volta uma juventude que, por direito, ainda era minha.

Leonardo Guimarães
Personagem principal

*Acostumado ao cabresto social, nunca sei
se estou mais próximo de Deus ou do Diabo.*

NELSON LUIZ DE CARVALHO
Autor

1

Os primeiros sinais ocorreram em meu corpo. Comecei a emagrecer lentamente, à medida que voltei a sonhar. Finalmente, aos 35 anos de idade, não me dei por satisfeito com minha vida. Passei de 97 quilos para apenas 65 quilos. Sentindo-me uma nova pessoa, as pizzas às sextas-feiras, os churrascos aos sábados e as cantinas italianas aos domingos deixaram de ser minha maior diversão. Talvez tudo isso seja interessante daqui a uns trinta anos, mas não agora. É difícil mudar quando se está casado há quinze anos com a mesma mulher e muito bem empregado numa grande empresa há quase dez anos. Mesmo assim, o desejo pelo novo era mais forte do que o passado e o presente juntos. Reescrever a vida não é fácil, mas consegui dar o primeiro passo em pouco mais de um ano, quando estabilizei meu peso em setenta quilos. Minha história começa aqui:

– Hora de levantar! O almoço está quase pronto.

Isabela disse isso já abrindo as cortinas e a janela do quarto. Detesto quando ela faz isso.

– E o André? Ainda está dormindo?

– Acordou cedo! Sua mãe veio buscá-lo para o campeonato de futebol de botão no prédio. Aliás, mais um pouco e vocês chegariam juntos.

Isabela suspirou antes de continuar:

– Você tem de pensar um pouco mais no seu filho! Ele só tem 5 anos e sente muito sua falta.

– Você está exagerando. Não é sempre que chego tarde assim.

– Exagerando, Leonardo? De uns meses para cá, você sai todos os finais de semana.

– Não esqueça que vivemos de aparências há muito tempo. Você quis assim. Lembra?

Gostaria muito de deixar tudo como está, mas infelizmente não consigo mais. Se por um lado sou um pai carinhoso, que não mede esforços para a felicidade de André e até mesmo de Isabela, por outro sou um ser humano que vive em completa angústia e procura desesperadamente pelo tempo perdido:

– Você não vai descer? – gritou ela da cozinha.

– Já estou indo!

De short preto, camiseta branca e havaianas, desci as velhas escadas ainda pensando na noite anterior:

– Leonardo?

– Já estou descendo!

Indiferente como sempre, Isabela preparava o almoço como se nada tivesse sido dito.

– Tem café?

– Sente-se que eu lhe sirvo.

Não suporto quando ela me serve café em xícara molhada. Por que não enxuga?

– O que você fez para o almoço?

Com uma tigela de salada sobre a mesa, ela respondeu:

– Macarrão a alho e óleo, bife à milanesa e salada de alface lisa, como você gosta.

Ao contrário de muitas mulheres, Isabela faz questão de viver em letargia. Vestida de dona de casa, posição que não suporta mas é cômoda, ela é incapaz de puxar as rédeas de seu destino. Sem forças para sonhar e com inúmeras dificuldades à sua frente, como se só ela tivesse problemas na vida, é bem mais fácil não lutar por nada.

– Coca ou guaraná?

– Coca.

Confesso que, sobre meus ombros, um enorme peso se faz presente nos últimos meses. O medo do novo e minha não-convivência diária com meu filho são coisas que me assustam no futuro que está por vir. Contudo, não posso mais parar.

– Pimenta?

- Não, obrigado.
- Essa é aquela especial que sua mãe trouxe de Minas.
- Não, obrigado.

Envolvido demais nesse admirável mundo novo, já não consigo só me masturbar pensando em alguém; tenho de me realizar nesse universo de corpos em que beijos e olhares insinuantes predispõem um inusitado balé de falos. Acho que devo estar enlouquecendo.

- Mais salada, Leonardo?
- Hum, hum.

Extrovertida na época de nosso namoro, Isabela aproximou-se de mim quase um ano após a morte de Rodrigo que, além de ser meu melhor amigo, foi a primeira pessoa por quem me apaixonei de verdade.

Adolescentes, Digo e eu éramos bem diferentes dos jovens de hoje. Inseguros e bloqueados psicologicamente por regras morais, nossas famílias sempre foram muito rígidas, não éramos honestos um com o outro nem quando podíamos. Na inocência espiritual de nossa alma, Digo e eu namoramos por quase um ano sem nunca assumir para nós mesmos essa posição. Mágicos na essência, nossos momentos íntimos faziam-se presentes nas pequenas coisas, como na vez em que ele cortou o pé...

- Entre, Leonardo.
- Tudo bem com a senhora?
- Agora sim, depois do susto que o Rodrigo me fez passar. Pode subir. Ele está lá no quarto descansando. E não repare na bagunça, Leonardo, acabamos de chegar do pronto-socorro.

– Claro que não, dona Elisabeth.

Com suaves batidas na porta do quarto, fui entrando:

- Posso entrar?
- Claro que pode. Você não precisa pedir licença para entrar em nada do que é meu.

Comecei a rir:

– Olha que eu não vou me esquecer disso nunca!

Começamos a rir.

– Deixe de ser palhaço! Você entendeu o que eu quis dizer.

– Entendi perfeitamente, cara!
Ele ficou muito, mas muito sem graça:
– Eu não vou responder a essa sua brincadeira idiota!
Deitado na cama, seu aspecto voltou a ser pálido, por simples charme.

– Mas e aí, Digo, tudo bem?
Com um sorriso de doente, ele disse que sim.
– O que você aprontou dessa vez?
– Eu nunca apronto nada!
Rimos.
– Não, fala sério. O que aconteceu?
– Caí do telhado.
Comecei a rir.
– Você ri porque não foi você que rolou telhado abaixo.
– O que você estava fazendo lá em cima?
– Fuí trocar a merda da antena e acabei escorregando numa telha solta.

Até ele riu.
– E aí caí no quintal, bem em cima daquela velha pia da cozinha. Aquela que minha mãe mandou trocar na semana passada.
– Quantos pontos você levou no pé?
– Cinco.

Dona Elisabeth entrou no quarto:
– Dá licença. Me ajude aqui, Leonardo.
Dona Elisabeth trazia um pratinho com vários pedaços de bolo, imaginei que de cenoura, pela cor, e dois copos grandes de chocolate batido no liquidificador.

– Faça-o comer um pouco, Leonardo.
– Mãe, eu não estou com fome!
– São quase três horas e você ainda não comeu nada, Rodrigo.
– Mãe é mãe, Digo.
– Eu não estou com fome nenhuma.
– Mas você tá pálido, cara. Custa comer um pouco? Além do mais, deve ser de cenoura.

Ele só come bolo de cenoura.
– É de cenoura!
Pelo código do “deixar acontecer”, e sem dizer uma palavra sequer, Digo e eu, sempre que podíamos, ultrapassávamos o limite da amizade em busca dos desejos mais escondidos:

– Você não quer passar a chave na porta, Leonardo?

Sentando a seu lado na cama, ele continuava deitado, comecei a comer o pedaço de bolo que ele levava à minha boca, não sem antes sentir, propositadamente, um de seus dedos dentro de minha boca:

– Bom demais! – disse ele num sorriso.

Já sentado, com as pernas arqueadas e coberto por um lençol azul da cintura para baixo, Digo continuava a levar pedaços à minha boca, enquanto eu, já com a mão debaixo do lençol, acariciava-o suavemente entre as pernas.

– Chocolate, Leonardo?

– Quero.

Com frequência, masturbávamos um ao outro, utilizando situações comuns como pano de fundo e tendo como resultado muita sensualidade.

– Leonardo? – ele havia acabado de gozar.

– Fala!

– Nada, cara, nada.

No fundo, acho que nunca consegui superar a ausência dele. Tenho muita saudade do meu Digo...

– Leonardo? Leonardo?

– Isabela?

– Você está bem? Está pensando em quê?

– Na vida. No Rodrigo.

– Que Rodrigo?

Sorri.

– “Digo” lhe é mais familiar?

– Nossa, Leonardo! Faz tanto tempo. Pare de pensar nos mortos.

– Não fale assim, Isabela.

– Mais salada?

Não consegui continuar comendo.

– Posso ser muito honesto, Isabela?

Ela sorriu antes de responder:

– Pode.

Suspirei.

– O que rolava entre Rodrigo e mim?

Isabela sorriu amarelo:

– Vocês eram amigos. Por quê?

Sorri como há muito não fazia.

– Pare de representar, Isabela! Você sabe que entre mim e ele havia muito mais do que uma simples amizade.

– Aonde você quer chegar, Leonardo?

– No que você já sabe, mas insiste em não querer dizer.

Ela ficou em silêncio.

– Sabe, Isabela, posso ter todos os defeitos do mundo, mas, quando nosso casamento era uma verdade, sempre fui um homem completo para você! Não fui?

– Você sabe que foi.

Sem conseguir ficar sentado, comecei a andar pela cozinha.

– Não tenho certeza se a separação é um passo certo ou errado, mas sei que não consigo mais viver nesse nosso casamento de mentira! Não posso morrer me sentindo insatisfeito na vida! Alguma coisa dentro de mim me faz seguir em frente. Por muito tempo fui feliz com você, só que agora quero resgatar meu outro lado.

– Mas o André vai sofrer com nossa separação.

– O André não vai ser o único filho de casais separados na face da terra!

Silêncio.

– Você conheceu alguém?

– Não, Isabela, não conheci ninguém.

– Então faça da vida o que quiser, saia com homem ou com mulher, mas continue morando aqui.

Agachei-me ao seu lado.

– Olha só o que você está dizendo. Você acha isso realmente certo?

Impaciente, ela se levantou.

– O que não está certo é você deixar seu filho e eu no passado.

Nervosa, ela começou a lavar a louça.

– Pelo amor de Deus, Isabela! Não é isso! Você está confundindo as coisas! Não estou trocando vocês por ninguém! Que absurdo! Pare de lavar a louça e olhe para mim, por favor!

Ficamos frente a frente.

– Fala, Leonardo, fala!

Olhei bem nos olhos dela.